aurum
Revista Multidisciplinar

ISSN: 3085-7783

REPERCUSSÕES DA AUSÊNCIA PARENTAL NO DESENVOLVIMENTO SOCIOEMOCIONAL E NA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES

REPERCUSSIONS OF PARENTAL ABSENCE ON THE SOCIOEMOTIONAL DEVELOPMENT AND IDENTITY CONSTRUCTION OF CHILDREN AND ADOLESCENTS

https://doi.org/10.63330/armv2n10-031

Submetido em: 06/11/2026 e Publicado em: 12/11/2026

ARM: e262605

Giuliana Galdino Regis
Acadêmica de curso de Psicologia. Faculdade de Educação Santa Teresinha – FEST
E-mail: giulianagaldino93@gmail.com

Andressa Costenaro
Administradora, advogada, psicóloga e teóloga. Especialista em Docência do Ensino Superior e em Gestão e Legislação Tributária. Docente da Faculdade de Educação Santa Terezinha
E-mail: Andressa.costenaro@fest.edu.br

Resumo

A ausência parental constitui uma experiência complexa, cujas possíveis repercussões no desenvolvimento socioemocional e na construção identitária de crianças e adolescentes variam conforme as condições relacionais, familiares e sociais em que ocorre. O presente estudo tem como objetivo analisar as possíveis repercussões da ausência parental nesses processos, considerando os fatores de risco e proteção envolvidos. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa, desenvolvida a partir da análise de publicações científicas relacionadas à temática. A discussão contempla aspectos referentes aos vínculos afetivos, à regulação emocional, à autoestima, ao sentimento de pertencimento e à construção da identidade, considerando também os processos de vulnerabilidade e resiliência. Os estudos analisados apontam possíveis associações entre a ausência parental e dificuldades emocionais, relacionais e identitárias, incluindo questionamentos acerca da própria história e do pertencimento familiar e social. Entretanto, também evidenciam a relevância dos vínculos significativos, das redes de apoio e dos recursos individuais e contextuais para os processos de adaptação. Compreende-se, assim, que a ausência parental não determina, isoladamente, a trajetória psicológica do sujeito, uma vez que suas repercussões dependem da interação entre experiências pessoais, relações afetivas e condições de desenvolvimento. Conclui-se que o fenômeno deve ser compreendido de maneira multidimensional, reconhecendo tanto as possíveis situações

de sofrimento quanto as diferentes possibilidades de adaptação, sem recorrer a interpretações deterministas ou à patologização das experiências infantis e adolescentes.

Palavras-chave: Adolescência; Ausência parental; Construção identitária; Desenvolvimento socioemocional; Infância.

Abstract

Parental absence is a complex experience whose potential effects on the socioemotional development and identity formation of children and adolescents vary according to the relational, family, and social conditions in which it occurs. This study aims to analyze the potential implications of parental absence for these processes, considering the associated risk and protective factors. This is a qualitative bibliographic study based on the analysis of scientific publications related to the topic. The discussion addresses aspects related to emotional bonds, emotional regulation, self-esteem, sense of belonging, and identity formation, as well as processes of vulnerability and resilience. The studies analyzed indicate possible associations between parental absence and emotional, relational, and identity-related difficulties, including questions concerning personal history and a sense of belonging within family and social contexts. However, they also highlight the importance of meaningful relationships, support networks, and individual and contextual resources in adaptation processes. Thus, parental absence does not independently determine an individual's psychological trajectory, as its implications depend on the interaction between personal experiences, emotional relationships, and developmental conditions. It is concluded that this phenomenon should be understood from a multidimensional perspective that acknowledges both potential psychological distress and different possibilities for adaptation, avoiding deterministic interpretations and the pathologization of childhood and adolescent experiences.

Keywords: Adolescence; Childhood; Identity formation; Parental absence; Socioemotional development.

1 INTRODUÇÃO

A infância e a adolescência constituem etapas significativas do desenvolvimento humano, marcadas por transformações emocionais, sociais e identitárias. Nesse percurso, as experiências familiares e as relações de cuidado podem contribuir para a constituição psíquica, o desenvolvimento socioemocional e a construção das percepções que crianças e adolescentes desenvolvem sobre si mesmos e sobre o mundo. Nesse contexto, a ausência parental configura uma experiência complexa, cujos significados e possíveis repercussões variam conforme as circunstâncias em que ocorre e as relações estabelecidas ao longo do desenvolvimento.

A compreensão desse fenômeno pode ser fundamentada em diferentes perspectivas teóricas. Na teoria psicanalítica de Sigmund Freud, as experiências infantis assumem relevância para a compreensão da constituição psíquica. John Bowlby, por sua vez, destaca a importância dos vínculos de apego e das relações de cuidado para o desenvolvimento emocional. Já Erik Erikson compreende a construção da identidade como um processo psicossocial que adquire particular importância durante a adolescência. Embora esses autores apresentem perspectivas distintas, suas contribuições permitem discutir a relação entre experiências infantis, vínculos afetivos e desenvolvimento psicológico.

A ausência de um dos genitores, entretanto, não deve ser compreendida como um fator que determina, por si só, dificuldades emocionais, relacionais ou identitárias. Essa experiência pode envolver diferentes circunstâncias, como afastamento físico, migração ou participação limitada de um dos pais na vida dos filhos. Além disso, a ausência de convivência cotidiana não implica necessariamente ausência de cuidado, proteção ou pertencimento, assim como a presença física não garante disponibilidade afetiva. Nesse sentido, compreender as possíveis repercussões da ausência parental exige considerar as relações de cuidado estabelecidas, as configurações familiares e os significados que crianças e adolescentes atribuem às próprias experiências.

No desenvolvimento socioemocional, essa discussão envolve aspectos como regulação emocional, autoestima e relações interpessoais. Na construção identitária, a experiência da ausência parental pode integrar a maneira como crianças e adolescentes compreendem sua história, seu lugar na família e seu sentimento de pertencimento. Contudo, esses processos não ocorrem de maneira uniforme, pois as trajetórias individuais são atravessadas por diferentes experiências e relações. Vínculos afetivos significativos, redes de apoio e espaços de pertencimento podem favorecer processos de adaptação diante das adversidades, sem que isso signifique a inexistência de sofrimento.

A relevância deste estudo para a Psicologia consiste em analisar as possíveis repercussões da ausência parental de maneira integrada, considerando o desenvolvimento socioemocional, a construção identitária e os fatores de risco e proteção associados a essa experiência. Essa perspectiva permite reconhecer situações de vulnerabilidade sem atribuir à ausência parental um caráter necessariamente prejudicial ou transformá-la em uma explicação universal para as dificuldades vivenciadas por crianças e adolescentes. Busca-se, assim, contribuir para uma compreensão contextualizada do fenômeno, que considere a singularidade das trajetórias individuais e a complexidade das relações familiares.

Diante desse contexto, estabelece-se o seguinte problema de pesquisa: de que maneira a ausência parental se relaciona com o desenvolvimento socioemocional e a construção identitária de crianças e adolescentes, considerando os fatores de risco e proteção envolvidos?

O objetivo geral deste estudo consiste em analisar as possíveis repercussões da ausência parental no desenvolvimento socioemocional e na construção identitária de crianças e adolescentes. Como objetivos

específicos, pretende-se: caracterizar a ausência parental no contexto das experiências familiares durante a infância e a adolescência; examinar suas possíveis relações com o desenvolvimento socioemocional; analisar sua relação com a construção identitária; identificar fatores de risco e proteção associados a essa experiência; e discutir as contribuições da Psicologia para a compreensão do fenômeno.

Quanto aos procedimentos metodológicos, o estudo caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa, fundamentada na análise de publicações científicas relacionadas à temática. A investigação busca articular as contribuições teóricas e os estudos selecionados para compreender as possíveis repercussões da ausência parental, considerando os fatores relacionais e contextuais envolvidos. Os procedimentos de busca, seleção e análise das publicações são apresentados na seção metodológica.

Quanto aos procedimentos metodológicos, o estudo caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa, fundamentada na análise de publicações científicas relacionadas à temática. A investigação busca articular as contribuições teóricas e os estudos selecionados, considerando suas discussões sobre desenvolvimento socioemocional, construção identitária e fatores de risco e proteção. Os procedimentos de busca, seleção e análise das publicações são detalhados na seção metodológica.

2 AUSÊNCIA PARENTAL E RELAÇÕES FAMILIARES

A família constitui um dos contextos relevantes para o desenvolvimento durante a infância e a adolescência, pois é nesse espaço que se estabelecem relações de cuidado, proteção, reconhecimento e pertencimento. As experiências vivenciadas nessas relações podem participar do desenvolvimento emocional e da maneira como crianças e adolescentes compreendem a si mesmos e o ambiente em que estão inseridos. Nesse sentido, alterações na dinâmica familiar, incluindo a ausência de um dos genitores, podem adquirir diferentes significados ao longo do desenvolvimento.

A ausência parental, entretanto, não deve ser compreendida exclusivamente pela falta de convivência física. A participação de uma figura parental também envolve aspectos relacionados à disponibilidade afetiva, ao cuidado e ao envolvimento na vida dos filhos. Dessa forma, a presença física não garante, necessariamente, a existência de uma relação afetivamente significativa, assim como o afastamento físico não implica, por si só, a inexistência de vínculo. Essa distinção permite compreender que a experiência da ausência depende não apenas das circunstâncias familiares, mas também da qualidade das relações estabelecidas.

A teoria do apego, desenvolvida por John Bowlby, contribui para essa discussão ao destacar a importância dos vínculos estabelecidos com as figuras de cuidado para a compreensão do desenvolvimento emocional. Nessa perspectiva, a disponibilidade e a responsividade dessas figuras são relevantes para a construção de uma base de segurança a partir da qual a criança pode explorar o ambiente e desenvolver recursos para lidar com diferentes situações. Assim, a análise da ausência parental exige considerar como

os vínculos são estabelecidos e mantidos, sem pressupor que toda separação física resulte necessariamente em dificuldades emocionais.

Além disso, crianças e adolescentes podem vivenciar diferentes configurações familiares, permanecendo sob os cuidados do outro genitor, de avós, de outros familiares ou de responsáveis. Essas relações podem assumir importância na experiência de cuidado e pertencimento, embora não devam ser compreendidas como substituições automáticas da figura parental ausente. O aspecto central consiste em reconhecer a qualidade dos vínculos disponíveis e o significado que assumem na trajetória de cada sujeito.

A maneira como a ausência é interpretada também merece atenção. Uma mesma circunstância familiar pode ser vivenciada de formas distintas, conforme a história individual, as explicações recebidas, as relações estabelecidas e o contexto social. Em determinadas situações, a ausência pode estar associada a sentimentos de saudade, rejeição ou questionamentos sobre o próprio valor; em outras, pode ser compreendida de maneira diferente ao longo do desenvolvimento. Estudos que investigam a ausência parental e suas relações com aspectos psicossociais e identitários contribuem para ampliar essa compreensão (Escoton et al., 2025; Zhang, 2025).

Portanto, compreender a ausência parental implica analisar tanto as circunstâncias objetivas do afastamento quanto os vínculos existentes e os significados atribuídos à experiência. Essa perspectiva evita reduzir diferentes configurações familiares a uma única condição psicológica e permite considerar a singularidade das trajetórias de crianças e adolescentes.

3 REPERCUSSÕES NO DESENVOLVIMENTO SOCIOEMOCIONAL

O desenvolvimento socioemocional envolve a construção progressiva de capacidades relacionadas ao reconhecimento e à expressão das emoções, à autorregulação, à empatia e ao estabelecimento de relações interpessoais. Durante a infância e a adolescência, essas capacidades se desenvolvem em interação com as experiências familiares, sociais e educacionais. Por essa razão, as relações de cuidado podem representar um contexto importante para a compreensão das experiências emocionais vivenciadas nessas etapas.

Na perspectiva psicanalítica de Sigmund Freud, as experiências infantis possuem relevância para a compreensão da constituição psíquica. Essa contribuição permite situar a infância como um período importante para o estudo do desenvolvimento psicológico, mas não autoriza concluir que a ausência de um dos genitores determine, isoladamente, características específicas da personalidade ou dificuldades emocionais futuras. A interpretação das experiências infantis exige considerar a complexidade dos processos psíquicos e das relações que participam da trajetória do sujeito.

A perspectiva de Bowlby complementa essa discussão ao enfatizar a importância das relações de apego e da disponibilidade das figuras de cuidado. Quando a criança encontra relações suficientemente estáveis e responsivas, essas experiências podem contribuir para a construção de segurança emocional.

Entretanto, as repercussões de uma separação ou de um afastamento parental não podem ser determinadas apenas pela existência da ausência: é necessário considerar as circunstâncias em que ocorre, a continuidade dos vínculos e as demais condições de desenvolvimento.

No campo empírico, Santos et al. (2024) contribuem para a discussão ao abordar as relações entre experiências adversas na infância e competências socioemocionais em adolescentes. Essa temática permite compreender que as experiências vivenciadas durante o desenvolvimento podem estar associadas à maneira como os indivíduos mobilizam recursos emocionais e sociais. Contudo, é importante distinguir experiências adversas em sentido amplo da ausência parental especificamente, evitando atribuir a um fenômeno resultados que tenham sido investigados em uma categoria mais abrangente.

Nesse contexto, manifestações como insegurança, dificuldade de estabelecer vínculos, necessidade de aprovação ou alterações na expressão emocional não devem ser atribuídas automaticamente à ausência de um dos pais. Esses comportamentos precisam ser compreendidos considerando a história do sujeito, suas condições de vida e as demais experiências que atravessam seu desenvolvimento. Uma manifestação emocional pode ter diferentes significados e não constitui, isoladamente, evidência de prejuízo decorrente da configuração familiar.

Desse modo, a ausência parental pode ser investigada como uma experiência potencialmente relevante para o desenvolvimento socioemocional, sem ser considerada uma causa suficiente de dificuldades psicológicas. Essa compreensão reconhece a possibilidade de sofrimento, mas também considera que crianças e adolescentes continuam desenvolvendo recursos emocionais, estabelecendo vínculos e modificando suas formas de compreender as próprias experiências.

4 CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE E PERCEPÇÃO DE SI

A construção identitária envolve um processo progressivo por meio do qual o indivíduo desenvolve percepções sobre si mesmo, sua história e seu lugar nas relações sociais. As experiências pessoais e os vínculos estabelecidos podem participar desse processo, contribuindo para a formação de sentimentos de pertencimento, reconhecimento e continuidade da própria história. Nesse contexto, as relações familiares constituem uma das dimensões que podem integrar a construção da identidade, sem representar seu único determinante.

A teoria do desenvolvimento psicossocial de Erik Erikson oferece uma contribuição relevante para essa discussão. Para o autor, a adolescência é marcada pela questão da identidade versus confusão de papéis, período em que o indivíduo enfrenta desafios relacionados à compreensão de si e à construção de referências para sua trajetória. Esse processo ocorre em interação com as experiências sociais e relacionais, não podendo ser explicado exclusivamente pelas relações familiares.

Quando um dos genitores não participa cotidianamente da vida da criança ou do adolescente, essa circunstância pode integrar a narrativa que o sujeito constrói sobre sua história. Entretanto, fazer parte dessa história não significa determinar a identidade. O significado da ausência pode modificar-se conforme o indivíduo amadurece, estabelece novos vínculos e desenvolve outras formas de compreender suas experiências.

A ausência parental também pode suscitar questionamentos sobre os motivos do afastamento, o lugar ocupado na família e a maneira como a própria configuração familiar é percebida socialmente. Essas questões podem participar da construção da autoimagem e do sentimento de pertencimento, especialmente quando a experiência é interpretada como rejeição ou falta de reconhecimento. Nesse sentido, Zhang (2025) contribui para a discussão ao abordar as relações entre ausência parental, autoimagem e identidade social. A interpretação dos resultados desse estudo deve, contudo, respeitar o contexto e as características da população investigada.

Durante a adolescência, a reflexão sobre a própria história e sobre as relações estabelecidas pode adquirir novos significados. Isso não implica que todos os adolescentes que vivenciam a ausência parental desenvolverão uma identidade fragilizada. A construção identitária permanece aberta a experiências posteriores, às relações sociais e às possibilidades de atribuição de novos significados à trajetória individual.

Além disso, pessoas que oferecem cuidado, reconhecimento e pertencimento podem participar da construção de referências positivas sobre si. Essas relações não apagam necessariamente a experiência da ausência nem substituem simbolicamente a figura parental, mas podem integrar a rede de vínculos por meio da qual o indivíduo desenvolve sua compreensão de si mesmo.

Assim, a ausência parental pode constituir um elemento significativo na história pessoal, mas a identidade não deve ser compreendida como resultado de um único vínculo ou acontecimento. A articulação entre as contribuições de Erikson e os estudos sobre ausência parental permite discutir a construção identitária como um processo dinâmico, atravessado por experiências familiares, relações sociais e significados produzidos ao longo do desenvolvimento.

5 VULNERABILIDADE E RESILIÊNCIA

A compreensão das repercussões da ausência parental exige considerar a possibilidade de diferentes respostas diante das circunstâncias vivenciadas. Embora a não convivência cotidiana com um dos genitores possa estar associada a sentimentos de insegurança, saudade ou questionamentos, essas experiências não definem necessariamente a trajetória psicológica do sujeito. As respostas individuais dependem de múltiplas condições, incluindo os vínculos disponíveis, o contexto familiar e os recursos construídos ao longo do desenvolvimento.

A resiliência, nesse contexto, não deve ser entendida como ausência de sofrimento ou como capacidade individual de simplesmente superar uma situação adversa. Trata-se de um processo relacionado à adaptação diante de dificuldades, que envolve tanto recursos individuais quanto condições relacionais e contextuais. Dessa forma, uma criança ou adolescente pode desenvolver estratégias para lidar com a ausência parental e, simultaneamente, experimentar sentimentos dolorosos relacionados a essa vivência.

Muzingili (2025), ao abordar experiências de ausência parental associadas à migração em adolescentes do Zimbábue, contribui para a discussão sobre vulnerabilidade, reconstrução identitária e adaptação. Essa perspectiva permite considerar que experiências de afastamento podem envolver dificuldades e, ao mesmo tempo, processos de reorganização pessoal. Entretanto, os resultados devem ser interpretados à luz do contexto sociocultural investigado, sem pressupor que as mesmas experiências ocorram de forma idêntica em todas as realidades familiares.

Essa compreensão evita duas interpretações inadequadas: considerar a ausência parental necessariamente prejudicial ou, em sentido contrário, romantizar a capacidade de adaptação daqueles que vivenciam essa condição. A existência de recursos para enfrentar uma experiência não significa que ela não tenha produzido sofrimento, assim como a presença de dificuldades não impede o desenvolvimento posterior de estratégias de enfrentamento.

A resiliência também não deve ser atribuída exclusivamente à responsabilidade individual da criança ou do adolescente. As oportunidades de adaptação dependem, em parte, das condições oferecidas pelo ambiente, da disponibilidade de relações de apoio e das possibilidades de expressão emocional. Por isso, a análise da ausência parental precisa reconhecer tanto os recursos desenvolvidos pelo sujeito quanto as condições que favorecem ou dificultam esses processos.

Desse modo, vulnerabilidade e resiliência não são necessariamente condições opostas. Ambas podem estar presentes na trajetória de uma mesma pessoa, em diferentes momentos e intensidades. Essa perspectiva permite compreender a ausência parental sem reduzir o sujeito ao sofrimento ou exigir que a adaptação seja interpretada como superação completa da experiência.

6 FATORES DE RISCO, PROTEÇÃO E BEM-ESTAR SUBJETIVO

A análise da ausência parental torna-se mais abrangente quando considera os fatores que podem ampliar a vulnerabilidade ou favorecer processos de adaptação. A experiência não ocorre isoladamente, mas em contextos familiares, sociais e relacionais que podem modificar a maneira como é vivenciada. Dessa forma, a compreensão do fenômeno exige observar não apenas a ausência de um genitor, mas também as condições de cuidado, os vínculos existentes e os recursos disponíveis.

Entre os possíveis fatores de proteção, destacam-se a presença de relações afetivas estáveis, a disponibilidade de pessoas de confiança, as oportunidades de expressão emocional e a existência de espaços

de participação e pertencimento. Esses recursos podem contribuir para o enfrentamento de experiências adversas, embora não eliminem automaticamente as dificuldades associadas à ausência parental. Sua relevância depende das necessidades individuais e das circunstâncias em que são oferecidos.

O bem-estar subjetivo também constitui uma dimensão pertinente, pois envolve a maneira como o indivíduo avalia sua própria vida e percebe suas experiências e relações. Não se restringe, portanto, à ausência de sofrimento. Uma criança ou um adolescente pode apresentar recursos de adaptação e perceber aspectos positivos em sua vida, sem que isso signifique a inexistência de sentimentos difíceis relacionados à ausência parental.

Zhang et al. (2023) contribuem para essa discussão ao abordar as relações entre ausência parental, bem-estar subjetivo, resiliência e conexão com o ambiente escolar. Essa perspectiva amplia a análise ao considerar que as experiências familiares interagem com outros contextos de desenvolvimento. Entretanto, as associações identificadas em um estudo não devem ser interpretadas automaticamente como relações causais, nem generalizadas sem considerar suas condições de realização.

A escola, por exemplo, pode representar um espaço de convivência, reconhecimento e construção de vínculos, especialmente quando favorece a participação e o sentimento de pertencimento. Da mesma forma, a família ampliada e outras relações significativas podem oferecer apoio e cuidado. Contudo, nenhum desses recursos constitui uma solução universal, uma vez que sua importância depende da qualidade das relações e do significado que assumem para cada sujeito.

Nesse sentido, a análise dos fatores de proteção não deve ser compreendida como uma tentativa de minimizar a ausência parental, mas como uma forma de investigar as condições que participam das diferentes trajetórias de desenvolvimento. Reconhecer esses recursos permite ampliar a compreensão do fenômeno, considerando tanto as possíveis dificuldades quanto as oportunidades de cuidado, apoio e adaptação.

7 UMA COMPREENSÃO INTEGRADA DO FENÔMENO

As discussões apresentadas indicam que as possíveis repercussões da ausência parental precisam ser compreendidas a partir da interação entre experiências familiares, desenvolvimento socioemocional, construção identitária e condições contextuais. Embora a ausência de um dos genitores possa constituir uma experiência significativa, não é possível estabelecer uma relação simples e universal entre essa circunstância e determinados resultados psicológicos.

Os estudos selecionados contribuem para diferentes dimensões dessa discussão. Santos et al. (2024) abordam as relações entre experiências adversas e competências socioemocionais; Escoton et al. (2025) discutem aspectos relacionados à ausência paterna e ao desenvolvimento psicossocial; Zhang (2025) aproxima o debate da autoimagem e da identidade social; Muzingili (2025) contribui para a compreensão

da adaptação e da reconstrução identitária; e Zhang et al. (2023) acrescentam a dimensão do bem-estar subjetivo e dos fatores de proteção. A articulação desses trabalhos deve considerar as diferenças entre seus objetivos, métodos, populações e resultados, evitando tratar suas conclusões como equivalentes.

As contribuições teóricas de Freud, Bowlby e Erikson também permitem abordar o fenômeno sob perspectivas distintas. Freud oferece elementos para discutir a importância das experiências infantis na constituição psíquica; Bowlby destaca a relevância dos vínculos de apego e das relações de cuidado; e Erikson contribui para compreender a construção da identidade no desenvolvimento psicossocial. Esses referenciais não explicam isoladamente as repercussões da ausência parental, mas podem auxiliar na formulação de uma interpretação mais ampla das experiências relacionais durante a infância e a adolescência.

A integração dessas perspectivas reforça a necessidade de evitar explicações deterministas. A ausência parental pode estar associada a situações de vulnerabilidade, mas seus significados e possíveis repercussões dependem das circunstâncias em que ocorre, das relações estabelecidas e dos recursos disponíveis ao longo do desenvolvimento. Da mesma forma, a presença de fatores protetivos não elimina necessariamente o sofrimento, assim como a existência de dificuldades não define de maneira permanente a trajetória psicológica do indivíduo.

Dessa maneira, a questão central não consiste apenas em identificar quais dificuldades podem estar associadas à ausência parental, mas em compreender como essa experiência é vivenciada, interpretada e incorporada à história de cada sujeito. Essa perspectiva permite reconhecer crianças e adolescentes como participantes ativos de seus processos de desenvolvimento, cujas trajetórias são construídas a partir de diferentes experiências, relações e contextos.

Em síntese, a ausência parental deve ser compreendida como um fenômeno multidimensional, que pode alcançar aspectos emocionais, relacionais e identitários sem determinar isoladamente o desenvolvimento psicológico. Para a Psicologia, essa compreensão reforça a importância de uma abordagem que considere a singularidade das experiências familiares, a qualidade dos vínculos e as condições de proteção disponíveis, evitando tanto a patologização quanto a minimização das dificuldades vivenciadas por crianças e adolescentes.

8 RESULTADOS E ANÁLISES

A análise da literatura selecionada permite compreender a ausência parental como uma experiência complexa, cujas possíveis repercussões envolvem o desenvolvimento socioemocional e a construção identitária de crianças e adolescentes. Os estudos abordam diferentes dimensões desse fenômeno, indicando a importância de considerar as relações familiares, os significados atribuídos à ausência e os recursos disponíveis ao longo do desenvolvimento.

No âmbito socioemocional, Santos et al. (2024) contribuem para a discussão sobre as relações entre experiências adversas na infância e competências socioemocionais. Essa perspectiva reforça a importância de considerar as experiências vivenciadas durante o desenvolvimento, sem atribuir exclusivamente à ausência parental dificuldades emocionais ou relacionais. Nesse sentido, a teoria do apego de John Bowlby auxilia na compreensão da importância dos vínculos afetivos e da disponibilidade das figuras de cuidado, destacando que a qualidade das relações também precisa ser considerada.

Quanto à construção identitária, Escoton et al. (2025) e Zhang (2025) contribuem para a discussão sobre aspectos psicossociais, autoimagem e identidade social, conforme os temas investigados. A ausência de um dos genitores pode integrar a maneira como o indivíduo compreende sua história e seu pertencimento familiar e social, mas não determina necessariamente uma identidade fragilizada. A perspectiva de Erik Erikson permite compreender esse processo como uma construção psicossocial, especialmente relevante durante a adolescência, enquanto as contribuições de Sigmund Freud auxiliam na discussão da importância das experiências infantis para a constituição psíquica, sem que se estabeleça uma relação determinista entre ausência parental e personalidade.

A análise também destaca a importância da vulnerabilidade, da resiliência e dos fatores de proteção. Muzingili (2025) contribui para a discussão sobre adaptação e reconstrução identitária, enquanto Zhang et al. (2023) abordam aspectos relacionados ao bem-estar subjetivo e aos recursos protetivos. Essas perspectivas permitem considerar que o sofrimento e a adaptação podem coexistir e que relações significativas, redes de apoio e espaços de pertencimento podem participar das diferentes trajetórias de desenvolvimento.

Dessa forma, a literatura discutida reforça que a ausência parental deve ser compreendida de maneira multidimensional. Suas possíveis repercussões dependem das circunstâncias familiares, da qualidade dos vínculos e dos significados atribuídos à experiência. Conclui-se, portanto, que a ausência de um dos genitores pode constituir uma experiência relevante, mas não determina isoladamente o desenvolvimento socioemocional ou a construção identitária, sendo necessário reconhecer tanto as possíveis situações de vulnerabilidade quanto as possibilidades de adaptação.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise realizada permitiu compreender a ausência parental como uma experiência que pode assumir diferentes significados na infância e na adolescência, repercutindo de maneiras distintas no desenvolvimento socioemocional e na construção identitária. Sua compreensão exige considerar não apenas o afastamento de um dos genitores, mas também as condições em que ocorre e a maneira como essa vivência é incorporada à história de cada sujeito.

A principal reflexão deste estudo consiste em reconhecer que a ausência parental não deve ser interpretada como um destino psicológico. Embora possa representar uma experiência de vulnerabilidade, suas repercussões não são uniformes nem podem ser explicadas por um único fator. Essa compreensão contribui para uma perspectiva psicológica que reconhece a complexidade do desenvolvimento humano e evita reduzir crianças e adolescentes às circunstâncias de suas relações familiares.

Diante disso, destaca-se a importância de compreender cada trajetória em sua singularidade, considerando as experiências vividas e os contextos nos quais o desenvolvimento acontece. Espera-se que esta discussão contribua para ampliar o olhar da Psicologia sobre a ausência parental, favorecendo uma compreensão crítica que reconheça as dificuldades possíveis sem desconsiderar as capacidades de elaboração, adaptação e construção de sentidos ao longo da vida.

REFERÊNCIAS

ANTIA, Khatia et al. Effects of international labour migration on the mental health and well-being of left-behind children: a systematic literature review [Efeitos da migração laboral internacional sobre a saúde mental e o bem-estar de crianças que permanecem no país de origem: revisão sistemática da literatura]. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 17, n. 12, art. 4335, 2020. DOI: https://doi.org/10.3390/ijerph17124335.

BOWLBY, John. **Apego e perda**: apego: a natureza do vínculo. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

EAST, Leah; JACKSON, Debra; O'BRIEN, Louise. Father absence and adolescent development: a review of the literature [Ausência paterna e desenvolvimento adolescente: revisão da literatura]. **Journal of Child Health Care**, v. 10, n. 4, p. 283-295, 2006. DOI: https://doi.org/10.1177/1367493506067869.

ERIKSON, Erik H. **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

FELLMETH, Gracia et al. Health impacts of parental migration on left-behind children and adolescents: a systematic review and meta-analysis [Impactos da migração parental sobre a saúde de crianças e adolescentes que permanecem no país de origem: revisão sistemática e metanálise]. **The Lancet**, v. 392, n. 10164, p. 2567-2582, 2018. DOI: https://doi.org/10.1016/S0140-6736(18)32558-3.

FREUD, Sigmund. **O eu e o id, "autobiografia" e outros textos (1923-1925)**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

MUZINGILI, Taruvinga. Untangling absence: left behind adolescents' interpretive meaning construction of parental migration in Zimbabwe [Compreendendo a ausência: construção de significados por adolescentes que permanecem no país de origem diante da migração parental no Zimbábue]. **International Journal of Qualitative Studies on Health and Well-being**, v. 20, n. 1, art. 2577283, 2025. DOI: https://doi.org/10.1080/17482631.2025.2577283.

SANTOS, Pâmela Virgínia dos; KOMATSU, André Vilela; BUOSO, Fernanda Papa; ALARCÓN-BAÑARES, Paula Andrea; BAZON, Marina Rezende. Adolescência, experiências adversas e competências socioemocionais: diferenças de gênero. **Pro-Posições**, Campinas, SP, v. 35, e2024c0806BR,

2024. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8678488. Acesso em: 28 out. 2026.

SGANZERLA, Ilciane Maria; LEVANDOWSKI, Daniela Centenaro. Ausência paterna e suas repercussões para o adolescente: revisando a literatura. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 16, n. 2, p. 295-309, 2010. DOI: https://doi.org/10.5752/P.1678-9563.2010v16n2p295.